

ENTRELAÇANDO REDES: FRAGMENTOS DA TRAJETÓRIA DE VIDA
DE TOMÁS SANTA ROSA JR. (1909-1956)

Thiago Brandão da Silva
Mestrando UFPB/PPGH
brandaothiago@gmail.com

No período de evolução em que nos encontramos, a cultura intelectual [meus] sem objetivo claro e definido deve ser considerada, entretanto, luxo acessível a poucos indivíduos e de escasso proveito para a coletividade.

*Trecho de discurso, presidente
Getúlio Vargas, São Paulo, 5 de janeiro, de 1940.*

Meu caro Santa Rosa, que cenário diferente de quantos compuseste A teu fim a sorte vária, Unindo Paraíba e Índias de leste! Tudo é teatro, suspeito que me dizes, ou sonhas? Ou sorrisos? e teu cigarro vai compondo um desenho, entre indivisíveis traços de morte e vida e amor e barro.

[...]

Um morto na Índia. Carlos Drummond de Andrade.

Era 30 de outubro, de 1956, e no Jornal *A Noite* (RJ) conta-se sobre o falecimento de um intelectual do mundo das artes, na ocasião o mesmo comporá a delegação brasileira para a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas, no segmento Educação, Ciência e Cultura, organizado, na cidade de Nova Déli, Índia. O Brasil, esteve sendo representado por uma comissão de artistas, intelectuais, políticos e profissionais responsáveis pela condução de políticas culturais. A referida reportagem é apresentada com requintes poéticos, recurso utilizado talvez para atenuar uma perda significativa para amigos/as. Santa Rosa¹, vivenciou uma época, uma geração, um período historiográfico, em que boa parte do público de intelectuais-burocráticos utilizou-se de maneira tática das linhas de amizades para trançar sua rede de sociabilidade.

Até 1932 “Bosinho” (apelido de infância) vivenciou a atmosfera da cidade da Parahyba, capital da Paraíba. Ao concorrer e passar em concurso para o setor de contabilidade do Banco do Brasil segue para Alagoas, doravante, é transferido às terras baianas, onde passa

¹ Utilizaremos a abreviação de seu nome, pois era assim que segundo os registros era conhecido, também levamos em consideração sua assinatura nas produções artísticas.

pouquíssimo tempo até aceitar proposta de emprego em serviços técnicos no funcionalismo público na cidade do Rio de Janeiro.

Certo que sua criatividade não caberia em uma repartição de banco, persegue as veredas do movimento modernista na gleba alagoana. Por lá inicia convívio com o escritor romancista José Lins do Rego (1901-1957), possível que ambos gravitem no gabinete do diretor da Imprensa Oficial, Graciliano Ramos (1892-1953) que “reunidos em torno do escritor, no seu gabinete na imprensa ou no “Ponto Central” os rapazes ficavam em conversas e discussões literárias que prolongavam por horas a fio”. Evidenciamos através do olhar comparativo que, assim como José Simeão Leal catalisava boa parte da intelectualidade paraibana, o círculo de Ramos aglutinava alguns intelectuais de Alagoas. Supomos que, isso ocorria não só por conta de sua dimensão artística como escritor, mas, certamente, por pela incumbência institucional como diretor da imprensa oficial².

As narrativas memorialísticas dão indícios sobre a sua rede de convívio ainda em sua cidade natal;

Lins do Rego dele se aproximou nas Alagoas; Rubens Braga veio conhecê-lo numa pensão velha e pobre da Rua do Catete. Conheci-o [ilegível] éramos tão jovens. O mundo uma incógnita, um poço de ilusões, um marco de esperança. Seu apelido nessa época era Bosinho [apelido de infância de Tomás Santa Rosa jr]. Íntimo de Aloísio Franca, de Luís Franca, os meninos do Tesoureiro. Na Vida, da Paraíba. Trabalhávamos todos no Tesouro do Estado, na minha velha província, entre os paredões lendários do velho Convento de São Bento, onde funcionava aquela repartição Estadual³[...].

As preciosas teias lhe renderam a inserção ao funcionalismo de carreira. Ainda na atmosfera natalícia, segundo seu biógrafo, quando muito jovem com apenas 19 anos de idade passaria a ocupar a Chefia Geral da Contabilidade da Repartição do Saneamento da Paraíba. Nossas hipóteses vão ao encontro de que sua ascendência social é fruto, sobretudo, de suas amarras e entrelaçamentos de uma rede de amigos.

Os amigos do tempo de estudante no Liceu Paraibano, que funcionava no térreo da tesouraria da Fazenda, o que indubitavelmente facilitou o deslocamento do então estudante que trabalhou no mesmo prédio. Essa localização do referido colégio permaneceu até a sua

² CORREIO DA MANHÃ, 08, setembro, 1956, p.16

³ PINTO, Luiz. Santa Rosa. **Letras e Artes**. Diário Carioca, 16 Dez. 1956. p.03.

transferência em 1939 para o prédio atual construindo no Governo de Argemiro de Figueiredo (1935-1940).



FOTOGRAFIA 10 Alunos concluintes do Lyceu Paraibano
FONTE: AJSL_Ft-146. João Pessoa, 1927

As linhas “quentes” de sua rede de sociabilidade ficam evidentes quando examinamos fragmentos de homenagens póstumas. Em 03 Dezsmbros de 1956 o jornal *O Norte*, publicaria enxerto de memória em que o ex-procurador da República, Adhemar Vidal (1897-1986) tece algumas considerações quanto a trajetória de Santa Rosa. Conta Vidal que na época estava Santa Rosa “trabalhando no serviço público do Estado” [entretanto] “anos depois, ocasionalmente, me encontrando com o poder nas mãos” [fala de seu cargo como Procurador] daí “sua situação fora melhorada como funcionário da companhia de abastecimento de agua” até que vieram os momentos de turbulências da Política brasileira⁴ cujo epicentro foi a morte do governador da Paraíba daí “com a Revolução houve modificações na vida do artista”.

Outra situação no mínimo semelhante a acima descrita é sua inserção ao funcionalismo publico já na capital federal. Na ocasião, abraça uma proposta de emprego e deixar a vida no Banco do Brasil, para ir em definitivo ao Rio de Janeiro. A estratégia da sociabilidade é evidenciada quando observamos os escritos de uma carta recebida, em 1932, do “amigo de sempre”, José Simeão Leal (1908-1996): “Fostes nomeado desenhista da Comissão de Estradas

⁴ No arrolar do contexto político e da implementação do Golpe varguista, cujo “estadia” duraria cerca de quinze anos (1930-1945), houve um fato histórico catalisador dos desfechos, o assassinato, em 26 de Julho, de 1930 do paraibano e ex-candidato à vice-presidência, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, um advogado e político brasileiro (SKIDMORE 1988,p. 20)

vais ganhar 600 reis trabalhando perto do Ministério da aviação”. Cumprisse afirma que este era o mesmo valor que ganhava, quando, ainda na Paraíba desempenhava suas atividades na repartição de saneamento de água. O compromisso lhe chamava com urgência. “O Dr. Melo, teu futuro companheiro de trabalho, achas que deves vir o mais rápido possível, pois deseja preparar um desenho contigo para o congresso de Estradas”.⁵

Ao levarmos em consideração as fontes acima expostas percebemos os indícios de uma rede de convívio que possibilitou a mobilidade espacial e social. Dito isto, temos com essa pesquisa o objetivo de perceber a amplitude do protagonismo de trajetórias ao passo compenetrarmos e rechaçamos uma perspectiva históricas hegemônicas, que outrora negligenciou as complexidades, tensões, lutas e ambiguidades do negro no pós-abolição⁶. Para Petrônio Domingues (2013) as experiências negras no contexto histórico do pós-abolição têm oferecido visibilidade e nitidez, pois inferem diversas questões e possibilidades à pesquisa histórica, numa “reconstituição da historicidade”⁷.

A atmosfera político-cultural do governo varguista é o cenário de boa parte da trajetória de Santa Rosa, a época havia um esforço político para a divulgação de valores que reforçam a identidade do nacional, e o envolvimento de intelectuais, agentes da cultura nesta empreitada para a consolidação indispensável. O projeto nacional unia o interesse do Estado e os intelectuais que, a rigor, foram sendo cooptados a ocuparem cargos estratégicos da administração pública, pastas relacionadas a política cultural, em que foi possível a sobrevivência material por meio do generosos cabedais⁸ que se diferenciavam a partir das atribuições ensejadas.

⁵ Ver OLIVEIRA 2012, p. 95

⁶ Por seu turno, a historiografia brasileira argumentou durante muito tempo que, depois da abolição da escravatura, os negros foram preteridos do mercado de trabalho, marginalizados socialmente, excluídos do mundo da política institucionalizada e impedidos de acesso à educação formal. Sem renda, poder e prestígio, por um lado, e desprovidos de qualificações culturais e técnicas para competir com os brancos nos albores da República, por outro lado, passaram a viver na condição de párias, com famílias desestruturadas, em estado de desajustamento e anomia social. Essa explicação generalizante, esquemática e reducionista precisa ser problematizada. Não se tem dúvidas de que os negros, no período do pós-abolição, passaram por uma série de dificuldades de ordem social, cultural, política e econômica, mas suas trajetórias não foram lineares, típicas ou padronizadas. A história é regida por contradições, ambivalências, experiências dissonâncias, pluridimensionais e multifacetadas, por isso, é exato afirmar que eles eram universalmente, desempregados (ou subempregados) vadios, analfabetos, xucros, alienados, irresponsáveis e promíscuos (DOMINGUES; GOMES, 2013, p. 47).

⁷ A ideia de Diáspora busca conceitualizar a cultura na medida em que busca o seu sentido/sentimento desterritorializar; segundo GILROY (2001) ir defronte a uma narrativa institucional dos estados-nações que agem em detrimento de uma perspectiva supranacional e com isso não valida as questões de dispersões de povos, nem tão pouco um circuito de comunicação que “sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais”

⁸ Segundo, Sergio Maciele, utilizando como base o *Anuário Estatístico do Brasil* promovido pelo IBGE/Conselho Nacional de Estatística (1941) “Os membros das profissões liberais e a maioria dos intelectuais que dispunham de

Segundo, Maria Helena Capelato, a era do varguismo pode ser interpretada da seguinte maneira: (1930-1937) anos de indefinições, em que vigorou o atendimento às reivindicações da classe trabalhadora por meio da criação do Ministério do Trabalho, combate ideológico e bélico a intentona comunista, apaziguamento de agitações por meio do projeto de lei de segurança nacional (1935). Após a constituição de 1937 vários decretos ampliaram a linha burocrática do Estado, estratégia adotada para centralizar o poder federal em detrimento do federalismo a vigência do Estado Novo (1937-1945) resulta também na abolição de partidos e associações políticas-recreativas, a exemplo, da Frente Negra Brasileira extinta em 1937. Embates para legitimação reformas e legitimação do contexto marcam os anos de 1937 a 1942. Ao passo que se acompanhou a atmosfera global da Grande Guerra, tomando o Brasil partido e, paradigmaticamente, consolidando apoio ao bloco dos Aliados (democráticos). O governo varguista tinha como meta trazer à lume um governo forte e centralizador, por isso buscou deu “ênfase no papel da tecnocracia à frente dos negócios públicos, em detrimento da liderança política, constituiu uma novidade introduzida pelo regime” (CAPELATO, 2013, p.119)

A atmosfera política-cultural em que esteve inserido o amigo “de sempre” do coetâneo José de Simeão Leal, o frequentador assíduo da boêmia carioca, o morador provisório da pensão velha na rua do Catete, onde dividiu com outro signatário de migração o paraibano José Lins do Rego, ainda; o outrora funcionário público do setor de contabilidade da cidade da Parahyba nos anos 1920, que não hesitara quanto a sua sensibilidade racial sendo sensível as demandas do Teatro Experimental do Negro (1944) almejando novas amizades tais com Ruth Rocha, Abdias Nascimento, Grande Otelo, entre outros/a. Nesse sentido, é que o único filho homem de Dona Alexina, que desempenhara o papel de pintor de painéis junto ao amigo de “Candinho” (Candido Portinari), o metódico, porém procrastinado ilustrador, das principais editoras nacionais de livros de romances das décadas de 1930-1940, e dos cenários modernista; está prestes a pregar uma peça em todos.

Em carta póstuma (se é que existe isso) ele menciona ter postulado uma “cadeira” na UNESCO para representar o Brasil junto a referida delegação, em Nova Deli, Índia. Porém teve

postos no serviço público foram alguns dos principais beneficiados pelo reescalonamento salarial empreendido na década de 1930. Enquanto uma elite diminuta, em torno de 150 altos funcionários (ministros de Estado, altos magistrados, diretores das principais instituições, dos serviços de propaganda e segurança, embaixadores etc.), ganhava entre 35000 e 7 mil cruzeiros por mês, 23 % dos funcionários de carreira (em sua maioria, profissionais liberais, professores universitários, altos escalões administrativos etc.) recebia entre 1500 e 3400 cruzeiros mensais, cabendo à massa dos pequenos funcionários de carreira salários entre duzentos e novecentos cruzeiros“ (MACIELI, 2001 p. 206)

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

que se contentar enquanto observador. Embora tenha garantido representação no Congresso Internacional de Teatro, na cidade Bombaim, a cerca de 1.400 km de distância de Nova Déli. Para além das querelas burocráticas e políticas o fato é que devido as complicações de saúde não pôde ele desfrutar da atmosfera indiana como havia planejado; foi traído pelo tempo, tempo de vida.

O Brasil vai à Índia e conta com a presença de intelectuais, mediadores e produtores que debatem e amplificam questões em torno de políticas culturais. E foi neste cenário produtivo que o artista multifacetado - cujo natalício, na cidade da Parahyba, (atual João Pessoa – Paraíba) data de 20 de setembro, de 1909 - deixaria suas últimas impressões. A comitiva, liderada pelo então deputado e ex-ministro da educação, Gustavo Capanema, empenha-se em facilitar o retorno de seu corpo para ser velado. Amigos organizam a sua despedida.

A captação desta rede de amizades a qual esteve inserido é fator relevante para compreensão de parte de sua trajetória, de uma geração, de um tempo-espço histórico, que nomeamos aqui seguindo as contribuições historiográficas recentes sobre a análise de experiências negras pós-abolição.

Não é demais salientar que se busca por meio do presente espaço textual compreender parte da trajetória de vida de um intelectual negro - escopo central deste presente trabalho -, a partir do itinerário de troca de correspondências de cartas, fontes visuais (imagens), homenagens póstumas e editoriais de jornais e suplementos literário.

No dia 18, de dezembro, de 1956, sua mãe Alexina, sua irmã Hely Santa, e seu filho “Lulinha” o aguardavam no hall do teatro nacional (Rio de Janeiro). Comporiam o grupo apoiando os referidos familiares, personalidade da cultura brasileira da estirpe de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosas, Nelson Rodrigues, Edmundo Barreto, Cecília Meireles, Abdias Nascimento, Solano Trindade entre outros/as que se fizeram presentes na despedida ao amigo.

Chama a atenção o comparecimento do presidente, Juscelino Kubitschek, admirador do artista. Conta-se que essa aproximação teve início quando ainda era prefeito da cidade mineira de Belo-Horizonte (1942). Na ocasião fora ele convidado para expor sua quadros. A época as referências modernistas estavam em ascendência. Porém, a arte moderna e suas inovações em forma e conteúdo ao passo que contagiava simpatizantes também atraía anti-simpatizantes. E foi um destes mais fanáticos que protestou quebrando os protocolos e, com uma navalha, rasgou um dos seus quadros da série de exposição.

O então prefeito, Juscelino, querendo contornar a situação teria adquirido a referida obra de arte que abordava enquanto conteúdo, o tempo, na forma hereditária do mais novo ao mais velho, o que se soube é que ele nunca deixou que ela (a obra) fosse restaurada. Dizia que além de um valor intrínseco, detinha um valor de manifesto, de agressão do público para o incompreensível (BARSANTE, 1982, p. 26-28).

No desempenho de suas atividades de crítico de arte, tece assertivas acerca do movimento modernista - combatido à navalhadas porque trazia à lume a capacidade de criar. No Jornal *A Manhã*, 04, de março, de 1945, Santa Rosa é entrevistado. Na ocasião, perguntar-se-á sobre a diferença entre arte acadêmica e arte moderna que responde “[...] o que diferencia o sentido dessas duas atitudes é que o acadêmico é imitativo, e, o moderno criador, inventor de formas”. No limite, não deixa de acentuar a importância do “espírito criador” [que para ele] é, certamente, superior artisticamente, ao passo que a imitação limita todas as possibilidades de desenvolvimento”.

Suas colocações sobre o inventivo pode/deve ser projetada ao debate sobre o conjunto de políticas culturais desenvolvidas pelo governo varguista, à conjuntura político-cultural, à ênfase dada ao sentimento nacional, advindo do popular, que levantava as arestas do artista, pois, segundo o mesmo “minha principal preocupação é condensar o sentimento da terra através, naturalmente, das formas e cores características”.

Por hora, não iremos aprofundar o debate quanto as questões pertinentes a construção da ideal do nacional, e das estratégias institucionais para implantação de políticas culturais que desenham traços da cultura histórica da época. Mas, vale uma colocação sobre o referido debate, pois tangencia um outro, as discussões raciais.

Em “*Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional x identidade negra*” (1999), analisa-se a formação de uma identidade nacional brasileira e o cenário político-cultural nos momentos finais do século XIX e início do XX, em que denuncia-se a proeminência da intelectualidade brasileira na manobra de inclinação em realizar uma manutenção da imagem mestiça e integralista do povo, dando continuidade à exclusão do segmento negro. Uma narrativa hegemônica promovida desde final do século XIX sob influências do cânone etnocêntrica “[...] o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção”. (MUNANGA, 1999, p.101). Dito isto, voltemos ao capítulo apocalíptico de sua vida. A angustia toma posse.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Era fim da tarde, terça-feira, 28 de novembro, de 1956. Tão logo, os preparativos para conduzi-lo ao atendimento médico são iniciados. O país indiano transforma-se no cenário de aflição aos mais próximos, todos são pegos de surpresa, sendo que desta vez não se trata de suas brincadeiras amigáveis.

Quem cuida de todo procedimento para seu atendimento é o amigo, e chefe da delegação, deputado Gustavo Capanema (1900-1985); é internado no mesmo dia, no Hospital Wellington, onde realiza exames e, seguindo orientações médicas descansa por cerca de oito horas.

Tudo parece ter sido apenas um susto. No dia seguinte, após acordar, tomar café da manhã, recebe visitas e se alimenta normalmente. Até que surpreendentemente ao chegar da noite, seu estado de saúde piora e, com o avançar das horas vem a falecer no dia 29, de novembro, de 1956, aos quarenta e sete anos de idade, após enfarte que o levou ao coma numa possível consequência de uma embolia séptica” (BARSANTE, 1983, p. 29-30).

O corpo⁹ de Santa Rosa (1909-1956) demorou cerca de vinte dias até ser possível que uma caixa de bronze fosse produzida para servir de caixão atendendo as diretrizes internacionais para o transporte de corpos em vias aéreas. Após cerca de duas escalas, uma em Londres e outra em Nova Iorque chega ao Brasil, no domingo, 16, de dezembro - o caixote feito às pressas com o seu nome gravado em caixa alto aterrissa, na cidade do Rio de Janeiro. Após notícias de seu falecimento alguns políticos prestam-no homenagens, a exemplo, do deputado Afonso Arinos, na Câmara Federal; diz:

Sr. Presidente, há alguns minutos fui informado do falecimento, na cidade de Nova Délhi, do grande pintor, ilustrador e crítico de arte brasileiro Santa Rosa. Sabe a Casa e sabe o país que este ilustre artista plástico *patrício* era, em sua trajetória de realizações completa às nossas artes plásticas, uma das mais altas figuras de intelectuais de nossa geração. *Nordestino*, transportou-se, Santa Rosa, há muitos anos para a Capital da Republica e aqui *sozinho, contando apenas com o apoio de suas próprias qualidades e virtudes*, [grifos meus] impõe-se à admiração de quantos se interessam pela vida artística e intelectual em nosso País.¹⁰

⁹Entre a noite e o dia. Jornal A NOITE, Rio de Janeiro, 30, out. 1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_05&pagfis=30538&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 20. jul. 2019.

¹⁰No triste Cenário da Índia. A NOITE, Rio de Janeiro, 30, nov. 1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_05&PagFis=39689&Pesq=Santa%20Rosa. Acesso em 20. jun. 2019

No afo discursivo o deputado se observa representações simbólicas quanto a sua trajetória de vida. A leitura do imigrante nordestino, por exemplo, ajuda a compreender os entrelaçamentos de sua identidade. Por outro lado, questiona-se o deputado quando diz: “aqui *sozinho, contando apenas com o apoio de suas próprias qualidades e virtudes*”, pois entende-se que esta seja uma afirmação um tanto quanto equivocada haja vista ser ele possuidor de uma ampla rede de sociabilidade.

Para compreensão da trajetória de vida do referido intelectual adere-se às considerações/preocupações bourdianas acerca da “ilusão biográfica” estabelecendo assim um ponto de vista analítico sob a estrutura de escalas que concilie a relação entre o micro e macro. Em outras palavras, “o objetivo é descrever posições simultaneamente ocupadas em sucessivos campos de força: tanto individuais como “em relação” a demais grupos sociais em concorrência” (SCHWARCZ, 2013, p. 57).

Compreender as historicidades nas instituições, nas trajetórias de sujeitos, nas manifestações, e as culturas políticas enquanto pontos de partida para questionar certos engessamentos quanto à análise histórica, especialmente, as histórias negras no período republicano. Sendo assim, em acordo com Gademar (2003) seguiremos o propósito narrativo da compreensão em detrimento da explicação, pois:

O que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem *em geral*, mas, ao contrário, como *este homem, este povo, este Estado* veio a ser o que é; como todas essas coisas puderam acontecer e encontra-se *aí* [meus] (GADEMAR, 2003 p. 23-24)

Com isso, são pontos importantes no caminhar da pesquisa sobre o esquadrinhamento da trajetória de vida de Tomás Santa Rosa Jr.; as políticas culturais empreendidas pelo governo varguista em suas três fases, enfatizando a participação da rede de intelectuais ao qual Santa Rosa estivera inserido, salientado o trato dado à cultura afro-brasileira e às paisagens históricas acerca das representações imagéticas no histórico.

A possibilidade de acentuar a participação de indivíduos-sujeitos históricos enquanto eixos interpretativos de uma geração, época e contexto pode ser atribuída a parcelas de pesquisadores atentos à “microanálise”;

se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidade individuais, seria absurdo descartar estas

últimas [...] não é um objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de “indivíduos”. (GINZBURG, 1987 p. 24-25).

Deste modo, como o ogro faminto do professor Marc Bloch buscar-se-á os alimentos/fontes para fundamentar o esquadramento acerca dos entrelaçamentos de seu convívio social, demarcando espaços de atuação e atmosfera geracional. Para tanto, essa pesquisa insere-se no diapasão de fontes que quebram quaisquer entraves que produza silenciamentos; desta feita, leva-se em consideração os seguintes apontamentos:

São muitas as fontes que podem ser exploradas: desde as mais tradicionais - como as de caráter governamental, cartorial, judicial; registros paroquiais, civis, policiais; anais, atas, viajantes, cronistas, jornais, revistas – até as menos tradicionais como literatura (romances, contos, poesias), iconografia (fotografias, gravuras, caricaturas, charges), testemunhos orais e audiovisuais (cinema, documentário, televisão e registros sonoros em geral. Já nos domínios da memória, é possível sugerir o trabalho com diários, autobiografias, poesias, contos, romances, textos memorialísticos, teatro, danças, músicas, práticas, religiosas, monumentos, entre outras fontes. (DOMINGUES; GOMES, 2013, p. 71)

Ao analisar cartas, sobretudo, as que foram trocadas com José Simeão Leal (1908-1996) encontradas no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) órgão suplementar da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba; assim como, as que foram enviadas ao seu amigo e mentor Candido Portinari (1903-1962); além de mensagens póstumas evidenciadas em jornais oriundas de periódicos encontrados no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, a exemplo dos seguintes jornais: *A Manhã*, *A Noite*, *Diário de Notícias Correio da Manhã*, *Diário Carioca*.

Portanto, para concluir levamos em consideração que do ponto de vista historiográfico é pertinente reflexão assinalada por Élio Flores (2006) sobre uma espécie de seleção cultural quanto aos afro-brasileiros, que quase não aparecem nos conteúdos históricos escolares, especialmente no período republicano, onde impera o “cânone da mestiçagem” – que atenua uma visibilidade efetiva da participação da população negra na construção sociocultural do país no século XX. Desse modo, ao considerarmos tais colocações, acentuamos a fundamental importância de pesquisas que abordem, na referida temporalidade, a temática do protagonismo negro no processo de formação cultural

A presente pesquisa em andamento leva em consideração as peripécias de uma trajetória de vida e suas complexidades: os caminhos e descaminhos, os entrelaçamentos de uma rede de

sociabilidade, as lembranças e confabulações, os registros fotográficos, as produções literárias e não-literárias.

A priori, vale salientar, o intuito era ir ao encontro da análise de imagens produzidas por Tomas Santa Rosa Jr., o artista, todavia, após sabatinada ela - a pesquisa - ganha outros rumos. O espaço de discussão foi profícuo e ampliou o objetivo. Inclui-se novos desafios e redimensiona os anteriores. O tato para a análise e compreensão de uma trajetória de vida tão intensa quanto a de Santa Rosa requer perspicácia de um cirurgião, que sabe onde está cada órgão mais precisa ser cada vez mais preciso em sua tarefa. Desse modo, o presente espaço nos fornece o âmbito das redes de sociabilidade, pois é com os amigos/as que as histórias são feitas.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou, o ofício de historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? in: _____. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- DOMINGUES, Petrônio; GOMES, dos Santos, Flávio. **Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil**. – Belo Horizonte, MG: Fino traço, 2013.
- FLORES, Élio Chaves. Etnicidade e ensino de História: a matriz cultural africana. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 21, p. 65-81, jun. 2006.
- GOMES, Flávio dos Santos, DOMINGUES, Petrônio. **Da nitidez e invisibilidade: o legado do pós-emancipação no Brasil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- GUINZBURB, Carlos. **O queijo e os Vermes**, São Paulo, Companhia das letras, 1987.
- HARTOG, François. **Regime de historicidade: presentismo e experiências do tempo**, Belo Horizonte, autêntica, 2013.
- LIMA, Henrique Espada. Con il poco farete assai: a microstoria de Carlo Ginzburg in: _____. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- MACIELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidades nacionais versus identidades negras / Kabengele Munanga. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Leal:** escritos de uma trajetória. 2009.333 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Biografia como gênero e problema.** Revista dos Pós-graduandos em história \ Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Vol. 24, n. 24. (2013). Campinas UNICAMP\IFCH, 2013. Disponível em:<<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/1577/1083>>. Acesso em : 02. 07. 2019.

SKIDMORE Thomas E. SKIDMORE, Thomas E.; Tradução Dantas, Ismênia Antunes. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964).** Paz e Terra, 1988.